

Notas sobre SI
Nº 9, Junho de 1999
Banco Mundial

O Desenvolvimento de Uma União Agrícola no Mali: Aumentando os Níveis de Empossamento Local

No início dos anos 90, os membros das associações de aldeia (AV, em Francês) na região de Koutiala, sul do Mali, tiveram necessidade de resolver um conflito com a Companhia Maliana de Têxteis (CMDT). Circulavam rumores segundo os quais, a CMDT planeava aumentar os salários dos seus trabalhadores de campo (i.e. a sua parte dos lucros da algodão), sem aumentar o preço pago aos produtores de algodão. Em 1989, representantes de várias associações regionais já haviam juntado esforços, para solicitar o anulamento de uma política adoptada pela CMDT em relação à responsabilidade financeira das associações de produtores. Este caso foi ganho pelos produtores.

Encorajados por aquele sucesso, eles juntaram-se novamente para enfrentar o problema de preços e criaram o Comité de Coordenação das Associações de Aldeia e *Tòns* de Koutiala, constituído por representantes de várias associações locais. O Comité de Coordenação, incluía camponeses formados em cursos de alfabetização e com experiência ganha no movimento para a gestão local de mercados, em curso no sul do Mali desde os anos 70. Também faziam parte alguns representantes de um novo estratato populacional que tinha aparecido durante a década anterior: graduados do ensino secundário ou propedêutico que tinham regressado às suas comunidades de origem para estabelecerem as suas próprias explorações agrícolas .

Mudando o horizonte institucional das áreas rurais

Uma série de encontros e audiências locais permitiram ao grupo elaborar uma lista oficial de reclamações e reivindicações. Na mesma altura, os eventos políticos que agitavam o Mali provocaram revoltas nas associações de aldeia, tendo impulsionado o Comité a agir, face à diminuição da margem de lucro na venda de produtos agrícolas. Em 1991, o grupo decidiu delegar no membro com o nível educacional mais alto, um graduado do instituto de agricultura que tinha regressado para se dedicar à agricultura, a responsabilidade de falar com os membros das associações da aldeia, tranquilizá-los e apresentar as suas reclamações à CMDT. A iniciativa apresentada às AVs foi um grande sucesso, tendo os representantes das associações dado seu total apoio ao comité de coordenação. Mas, a direcção da CMDT receosa da instabilidade política, recusou qualquer

As Notas CI reportam periodicamente sobre iniciativas de Saber Indígena (SI) na África Sub-Sahariana. São publicados pelo Centro de Conhecimento e Aprendizagens para a Região de África como parte da actividade da parceria sobre SI, envolvendo o Banco Mundial, comunidades, ONGs instituições de desenvolvimento e organizações multilaterais. Os pontos de vista expressos neste artigo são dos respectivos autores e não devem ser atribuídos ao Grupo do Banco Mundial ou seus parceiros nesta iniciativa. A página da internet sobre SI está disponível em:
<http://www.worldbank.org/aftdr/ik/default.htm>

negociação com o movimento de camponeses.

Consequentemente, o comité convocou uma greve dos produtores de algodão e os seus membros percorreram a zona para conquistar a aderência das AVs. Durante dois meses, as associações recusaram-se a levar o seu algodão à CMDT, até que o Ministro de Desenvolvimento Rural fosse pessoalmente a Koutiala mediar o conflito. Como resultado a CMDT aceitou o princípio da negociação colectiva em que uma organização não governamental representaria os produtores de algodão e concordou também, com a sua participação no Conselho Nacional de Preços Agrícolas.

Desta maneira, foi criado o SYCOV (*Syndicat des Producteurs du Cotton et du Vivrier* ou União de Produtores de Algodão e Culturas Alimentares) apesar de ter levado mais um de ano a ser legalizado, devido às formalidades administrativas exigidas. Os seus líderes trataram imediatamente de abrir as portas da nova união agrícola a todas as associações das aldeias do sul do Mali, tendo decidido retirar, com o seu consentimento, a candidatura do líder principal do movimento de 1991 para a presidência da nova organização, a favor dum representante de uma das regiões que não tinha sido previamente envolvida. A União, que funciona com a utilização de duas línguas (Bambara, Francês), continuou a crescer, apesar, de alguma resistência da CMDT, de dificuldades internas causadas pela incerta evolução das próprias AVs, de algumas decisões questionáveis da liderança e divergências entre os níveis central e local. A União faz actualmente parte do horizonte institucional e político

do Mali, concretizando a nível nacional o direito legalmente estabelecido dos camponeses participarem em todas as decisões que lhes digam respeito. O SYCOV também organiza cursos de francês escrito e oral para representantes de AVs alfabetizados em Bambara e tem exigido a utilização destas duas línguas em todos os documentos que usa e em todas as sessões que participa.

Causas das mudanças:

A transferência do poder económico para os locais

Com todas as suas forças e fraquezas, a experiência do SYCOV representa, de facto, uma segunda etapa do empossamento das organizações locais (*empowerment local*), em áreas rurais do sul do Mali e ilustra alguns dos benefícios que é possível conseguir através da transferência do poder económico para as mãos das associações de produtores. O algodão tem sido produzido e comercializado nestas áreas há mais de trinta anos, entretanto nos últimos quinze anos, houve mudanças passando-se de uma situação em que os trabalhadores de uma grande firma como a CMDT e seus filiados controlavam a compra dos produtos das machambas locais e o seu transporte para os centros de processamento, para um sistema onde essas funções são assumidas quase completamente por organizações da aldeia. Representantes dessas associações locais ou suas federações são inteiramente responsáveis pela pesagem de produtos, pagamento aos produtores, armazenamento do produto, transporte para os centros de processamento e sua revenda aos processadores, assim como pelas tarefas organizacionais e contabilísticas inerentes e, pelo estabelecimento das

respectivas políticas. Esta dinâmica foi conseguida em grande medida graças a programas de alfabetização e educação não formal realizados com o apoio das próprias companhias de algodão (ou por vezes herdados de esforços anteriormente realizados por organizações governamentais e ONGs), que possibilitaram a um núcleo de adolescentes e adultos, com pouca escolarização prévia, ganhar habilidades de leitura, escrita e contabilidade nas suas próprias línguas e, assim orientar sistemas de gestão usando a língua materna ou as duas línguas.

Sem exagero, tais esforços tem rendido às companhias biliões de francos (1 USD=500 francos CFA, aproximadamente). Uma parte considerável destes recursos foi devolvida às organizações comunitárias que, por sua lado, distribuíram entre descontos individuais para os camponeses e fundos de investimentos colectivos. Estes, por sua vez, têm estimulado toda uma série doutros investimentos como o estabelecimento de uniões de crédito e poupança, compra de equipamentos agrícolas mais sofisticados, abertura de novos poços, construção de clínicas e escolas comunitárias, etc. Este fenómeno de empossamento local não está dissociado do grande crescimento de produção de algodão na África Sub-Sahariana durante a última década, desenvolvimento esse que levou a região a ocupar o quarto lugar do mercado mundial e a reforçar os orçamentos nacionais severamente afectados pelas exigências dos programas de ajustamento estrutural.

O algodão dificilmente pode, na África Ocidental, ser considerado factor ideal de mudança rumo ao desenvolvimento

sustentável, devido aos efeitos devastadores na fertilidade dos solos, pelo menos sob o muito deficiente regime de rotação de culturas e de conservação de solos, actualmente aplicado. Contudo, a experiência do algodão serviu para demonstrar, em larga escala, a capacidade dos produtores de nível local em organizar, eles próprios, operações comerciais e de gestão - mediante treino apropriado, disponibilizado em simultâneo. Esta experiência deu origem a uma série de instituições rurais fortalecidas que oferecem “modêlos” para o desenvolvimento local noutros domínios.

Um contexto favorável: a interação entre o desafio económico e o capital social

As associações da aldeia de facto foram originadas pela confluência de dois factores, um “tradicional” e outro moderno; são impressionantes, os resultados obtidos pela interação entre aquelas duas correntes. As comunidades do Sul de Mali são geralmente organizadas em “*ton*” (termo do Bamabara-Malinke) ou estruturas equivalentes, entre grupos étnicos vizinhos. Estes grupos, estratificados por idades são fortemente unidos e dotadas de regras internas muito fortes. Os “*tons*”, foram as associações que se tornaram directa ou indirectamente responsáveis pelas funções de comercialização e de reinvestimento quando a CMDT empreendeu a sua experiência; e as suas novas funções permitiram-lhes seguir rumos e desenvolver os processos dos sistemas de prestação de contas e de treino para níveis relativamente avançados comparativamente aos que caracterizavam os grupos tradicionais

iniciais. Portanto as falhas, sucessos e esforços pioneiros do SYCOV representam, simplesmente, uma “segunda fase” na campanha para o desenvolvimento da capacidade local e aumento do empoderamento (*empowerment*) das organizações da aldeia que começaram, há vários anos, com a reorganização do sistema dos mercados de algodão mobilizando as estruturas sociais existentes. E, ao mesmo tempo elas têm ajudado a promover outras iniciativas.

Levando o desenvolvimento local para um segundo estágio.

Outros exemplos ilustrativos : para melhorar o seu desempenho na gestão, as associações das aldeias do sul do Mali com o apoio da CMDT e de doadores estrangeiros, criaram em 1993 uma instituição encarregue de fazer auditorias às suas contas e dar assistência técnica aos líderes locais em matérias financeiras. A unidade foi designada “Centro de Gestão de Koutiala” e várias sucursais têm sido estabelecidas a partir dessa altura.

O pessoal do centro , que é recrutado nas associações da aldeia, é responsável por participar na auditoria independente das contas das AVs. Por sua vez o pessoal local é treinado e apoiado por assistência técnica externa, concebida de modo a desempenhar um papel decrescente. A supervisão política do Centro é feita por

um Conselho de Administração, que , por sua vez está ligado à Federação das Associações de Aldeia do Sul do Mali. Teóricamente, o Centro deveria funcionar com os recursos provenientes das receitas obtidas com a venda dos seus serviços às associações da aldeia. Deste modo o Centro constitui meio-termo entre uma subsidiária completamente pertencente à Federação e uma firma privada de auditoria.

Na realidade, o Centro foi criado e ainda é parcialmente dependente de financiamento externo. Mas parece ter sobrevivido à primeira fase de estabelecimento, operação e institucionalização inicial e está, de facto, a fornecer serviços necessários e a gerar receitas. O Centro de Gestão demonstra, assim, a capacidade das associações locais de abreviar substancialmente a sequencia das actividades requeridas para se tornarem financeiramente independentes. Isto também revela um importante nicho de oportunidade para as organizações de segunda linha que têm capacidade de dar apoio técnico que é crucial para as novas iniciativas da sociedade civil. As sementes lançadas através da actual transferência de recursos e de responsabilidade do mercado para as estruturas da aldeia começaram pois, a dar múltiplos frutos.

Este artigo é baseado em dados colhidos por Peter Easton, Guy Belloncle Coubibaly, Simon Fass, Laouali Malam Moussa e cinco grupos de investigação nacional durante a realização do Estudo de Educação-PADLOS, um inquérito sobre “Descentralização e Criação da Capacidade Local na África ocidental” fundado pelo Clube do Sael/OECD e pelo GILSS. Para obter uma cópia completa deste trabalho contacte o “Center For Policy Studies in Education”, Peter Easton, 312 STB, College of Education, Florida state University, Tallahassee, Fl 32306, USA; telefone (850) 644-5042; fax (850) 644-1595; email easton@coe.fsu.edu.

